

Entrevista

ANNE-MARIE MÉTAILIÉ

Raffaella Andréa Fernandez*

Raffaella Fernandez: Em primeiro lugar, gostaria de saber como foi o contato da senhora com a Carolina Maria de Jesus?

Anne-Marie Métaillé: Eu não tive um contato direto, a Clélia Pisa me propôs um manuscrito da Carolina Maria de Jesus.

RF: Antes a senhora chegou a ler *Le dépotoir*?

AM: Sim, o livro *Le dépotoir* foi um *best-seller* na França quando saiu, mas esse saiu muitos anos depois do *Le dépotoir*.

RF: Sim e depois de *Ma vraie maison* também.

AM: Sim

RF: A senhora chegou a ler antes de aceitar a publicação?

AM: Sim, claro, a princípio eu li tudo antes de publicar para escolher. Sou eu quem escolhe.

RF: Os manuscritos no caso, ou as outras obras já publicadas da autora?

AM: Eu li tudo!

RF: Os manuscritos no caso, Clélia Pisa me informou que foi ela quem realizou o recorte.

AM: Sim.

RF: A versão transcrita e estabelecida por Pisa estava manuscrita ou datilografada?

AM: Manuscrita.

RF: E a senhora teve acesso aos dois cadernos manuscritos de Carolina de Jesus que Pisa e Lapouge trouxeram do Brasil?

AM: Eu fiz uma fotocópia. É assim. Tem duas partes. E depois o texto datilografado.

RF: E a versão em francês. Ainda existe a versão traduzida de Régine Valbert?

AM: Eu tenho um dossiê com duas partes. A versão de Clélia Pisa e da tradutora. Eu briguei muito com ela porque não estava de acordo com a tradução que ela fazia.

* Entrevista com a editora Anne-Marie Métaillé - editora de "Journal de Bitita", de Carolina Maria de Jesus realizada em Paris no mês de novembro de 2013.

RF: Com a tradução?

AM: Para mim não correspondia bem com o tom de Carolina. Em geral, os tradutores franceses fazem literatura. Literatura é uma coisa muito mais alta do que o tom real do texto original.

RF: Como a senhora sabe, a edição de **Journal de Bitita** publicada no Brasil em 1986 como **Diário de Bitita**, se deu a partir da tradução do francês para o português, de modo que o público não tem contato com a versão mais genuína dessa obra de Carolina, intitulada no caderno manuscrito de “Um Brasil para brasileiros”.

AM: Mas não entendo, porque os pesquisadores para quem eu dei as fotocópias do texto original, escrito à mão não deram para o Brasil? Mas eu posso fazer uma fotocópia dos textos datilografados de Clélia.

RF: Na publicação francesa, o nome de Carolina está ao contrário, porque o nome dela é Carolina Maria de Jesus...

AM: Sim, é que nos papéis que eu tive estava assim...

RF: Achei estranho, pois em **Le dépotoir** lemos o nome correto.

AM: Sim, mas nas páginas que vinham, alguém escreveu errado.

RF: Quem fez essas anotações que vejo aqui nos datiloscritos de Clélia

e da Valbert? Qual o sentido dessas sobrecorreções?

AM: E porque em um texto desse tipo chamar a Maria de Marinete é absurdo. O nome é absurdo. Por exemplo “il été alcolatre”. “Alcolatre” não existe em francês e sim “il était un alcoolique”.

RF: Então a própria tradutora tentou adaptar a gíria, digamos assim, da Carolina.

AM: Sim (risos).

RF: E a escolha da tradutora foi a senhora quem decidiu? Por que não a Violante do Canto, que já havia trabalhado nas outras traduções de Carolina de Jesus?

AM: Porque ela não estava mais aqui.

RF: A senhora chegou a pensar na possibilidade de propor a tradução para ela?

AM: Sim. A Régine Valbert tinha conhecido pessoalmente a Carolina.

RF: A Régine Valbert estava no dia em que as jornalistas entrevistaram Carolina de Jesus no sítio?

AM: Sim. Veja aqui, por exemplo em que as correções eram “a menina, a Mariazinha vivia dizendo”, em francês isso... “on dit pas” “la petite Marinete vive en disant” e sim Mariazinha “disait toujours”. São coisas em francês...

RF: A senhora acha que se devem

a que esses problemas encontrados na tradução?

AM: Porque era uma tradução literal.

RF: A Régine Valbert tinha formação em Letras?

AM: Não. Ela viajou pelo Brasil, etc.

RF: Será que havia uma preocupação estética de adequação da linguagem de Carolina de Jesus?

AM: Não, sempre havia problemas, faltavam frases... “Negros ordinários”, em francês “negro ordinaire, ça n’existe pas, Ordinaire é vulgar vulgaire.” Verá que não era em francês.

RF: E qual o posicionamento da tradutora diante de suas críticas?

AM: A gente brigou. Eu disse que não aceitava, faltavam frases..

RF: E o que ficou decidido na publicação foi a sua correção?

AM: Sim, afinal, o editor é responsável pela tradução. Também a Clélia fez algumas anotações.

RF: E a Lapouge?

AM- Não sei. O meu interlocutor era a Clélia.

RF: Vocês fizeram muitas reuniões juntas antes de decidir a versão final?

AM: Eu corrigi, passei-a para Clélia, ela passou para mim, a gente fez trocas...

RF: Em entrevista, Clélia confirma que na época ela e Lapouge fizeram uma grande viagem e quem acabou decidindo a montagem e a composição do livro. Agora a senhora me acrescenta então que também o compôs, tanto que vemos a sua correção...

AM: Porque não era francês, entendeu, “a ordem de prender-me”, em francês “l’ordre de me pendre”, está no sentido de “m’arreter”. Ela estava presa no português e não traduzia. Traduzia literalmente. Era ininteligível para o francês. O livro teve o prêmio das leitoras da revista **Elle** quando saiu e teve uma repercussão de imprensa muito importante.

RF: Que interessante!

AM: Eu passei o dossiê para todas as pessoas que vieram aqui!

RF: E **Jounal de Bitita** teve o mesmo sucesso de vendas de **Le dépôtair**?

AM- Nula não, mas pouca, pouca.

RF: No Brasil e nos outros países houve uma certa preparação da figura de Carolina de Jesus para o público, através da mídia. Gostaria saber se para esse terceiro livro aconteceu o mesmo na França.

AM: Não, ela já tinha sido esquecida. Não tínhamos o autor...

RF: E a senhora chegou a conhecer a versão brasileira de **Journal de**

Bitita? Pois são duas as versões em português, uma pela Nova Fronteira e outra, mais recente, pela Bertolucci com algumas notas explicativas diferente das anteriores.

AM: Eu não sei, eu não vi. Porque eu deixei de cuidar desse livro quando o filho começou a escrever pedindo muito dinheiro que não correspondia. De repente o filho da Carolina decidiu exigir, dizendo que havíamos roubado o trabalho da mãe. Então eu mandei embora, devolvi os direitos para ele. Fiz o que ele queria.

RF: Essas seriam minhas dúvidas, sintá-se à vontade para acrescentar algo que julgue importante registrar.

AM: O livro teve uma acolhida boa na imprensa e ganhou o prêmio *Prix des lectrices d'Elle*. A revista **Elle**, que era uma grande revista feminina e que era a mais prestigiada. Teve um evento regional em Nice e a gente foi representar Carolina com a Clélia. A Clélia contou a história de Carolina.

RF: A senhora tem algum documento sobre esse prêmio?

AM: Sim, talvez. Ah! Os direitos foram vendidos também para editores estrangeiros. Os alemães não quiseram, pois disseram que era tudo falso. Mas a Espanha aceitou. Vou procurar esses documentos.

RF: Muito obrigada. Agradeço muito

em nome da memória de Carolina Maria de Jesus.

AM: De rien.